

Identidade e interculturalidade: o Iberismo na Literatura de viagens portuguesa da segunda metade de Oitocentos

Sara Cerqueira Pascoal

Centro de Estudos Interculturais – P.Porto
spascoal@iscap.ipp.pt

Resumo: Este artigo pretende refletir sobre as teorias iberistas e a questão identitária tal como são representadas e percebidas pelos escritores portugueses da segunda metade de Oitocentos. A narrativa de viagens ao país vizinho da segunda metade de Oitocentos é, quanto a nós, paradigmática da questão das viagens, enquanto prática cultural, mas igualmente enquanto espaço propiciador de um contacto com o *Outro*, que se cristaliza na criação de auto e hetero-imagens e na consolidação da identidade nacional, pela atitude comparativa que se estabelece em contacto com o *Estrangeiro*¹. Já outros autores afirmaram que, em Portugal, é sobretudo em relação à França e à Inglaterra que se forja o duplo semantismo do elemento estrangeiro (BOURDON, 1988:124), imagens de alteridade em relação às quais se tomam atitudes básicas de rejeição ou de deslumbramento². Mas se isso é verdade sobretudo em Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, o papel desempenhado pela Espanha, neste processo, não dever ser menosprezado, sobretudo se tivermos em conta o contexto histórico-político das relações quer com a França e a Inglaterra (o *Ultimatum*, de 1890), quer com a Espanha e a Questão Ibérica.

Palavras-chave: identidade, questão ibérica, literatura de viagens, interculturalidade

1. Introdução:

Em meados do século XIX, a Questão Ibérica ou Iberismo, expressões que corporizariam a tendência política para a união dos dois povos peninsulares, inflamou as páginas da imprensa portuguesa e espanhola. O tema não era recente, como bem se sabe. Muito cedo começou a ter relevo, quando se fez sentir a tendência centrípeta de Castela, que se aprofundaria com a dinastia de Aviz e pela longa política de alianças matrimoniais que conduzirão Filipe II ao trono de Portugal. Os anos de união das Coroas terão consequências na formação de uma consciência de uma individualidade e autonomias irredutíveis, exponenciada pela decadência dos espaços da colonização nos diversos continentes. As invasões francesas não serão despiciendas para fazer novamente fermentar, em diversas áreas da sociedade portuguesa e espanhola, os ideais de reunificação.

Num contexto histórico marcado, por um lado, pelo princípio da autodeterminação dos povos e do direito de uma nacionalidade constituir um Estado independente – caso

¹ Ver OUTEIRINHO, 2000.

² Eça de Queirós compara a influência que estas duas nações têm em Portugal da seguinte maneira: “/.../ Da Inglaterra podemos dizer que – ao contrário da generosa França – as suas virtudes só a ela aproveitam e os seus vícios contaminam o mundo.” (QUEIRÓS, s.d.:58).

da Grécia, independente em 1829 – e, por outro, pela teoria dos grandes Estados e nações – corporizada na unificação da Itália (1870) e da Alemanha (1871) – o contexto histórico-ideológico acabaria por fazer prevalecer esta última teoria. Estes modelos vazaram-se num ideário federativo, plasmando o pensamento filosófico progressista com o princípio de unificação das nações de que Proudhon, Auguste Comte e Herbert Spencer fizeram eco. Como explicita Sérgio Campos Matos a teoria dos grandes Estados e nacionalidades “ (...) menosprezava os pequenos estados, chegando a considerá-los, além de um determinado limiar, desnecessários ou até nocivos ao progresso e ao bem-estar das respetivas populações”. E conclui “ (...) o iberismo insere-se nesta última posição.”³ Ora, sabe-se que é no terceiro quartel de Oitocentos, com a publicação d’*A Ibéria* de Sinibaldo Más, que as teorias federalistas de diversa índole alcançariam maior vigor nas páginas dos periódicos portugueses e espanhóis, atizando, entre o setor intelectual de então fortes reações nacionalistas e alimentando uma polémica que ficaria conhecida como a “Questão Ibérica”.

2. A Questão Ibérica na Literatura de viagens portuguesa a Espanha da segunda metade de Oitocentos

Conceição Meireles, naquela que é provavelmente a tese mais fundamentada e aprofundada sobre a Questão Ibérica, reconhece que os relatos de viagem, ao apresentarem-se sob a forma de crónicas da realidade, refletem também sobre as temáticas do iberismo e dá-nos o exemplo paradigmático do livro de viagens a Espanha de Teixeira de Vasconcelos⁴.

Não podemos, no entanto, deixar de discordar da autora quando afirma que:

“(…) nem toda a Literatura de viagens que utilizava a península como cenário aborda necessariamente o tema da união, podendo esse assunto ser preterido pelo exotismo e fascínio da civilização espanhola, como acontece na narrativa de Ricardo Guimarães, pela profusão de *faits divers* que recheiam as *Viagens* de Luciano Cordeiro, ou pela descrição dos espectáculos, costumes e monumentos, como preferia Júlio César Machado.” (MEIRELES, 1995: 7)

Efetivamente, se é verdade que nem todos os autores de relatos de viagem se assumem como partidários ou detratores do iberismo, tal como acontece com o de Teixeira de Vasconcelos, que faz, no seu Preâmbulo, das doutrinas iberistas o motivo do livro, as teses iberistas são sempre abordadas, de forma direta ou indireta, mais óbvia ou mais subtil, até mesmo pelos relatos mais vocacionados para o pitoresco ou para o *fait divers*.

Reportando-nos apenas ao *corpus* que seleccionámos, constituído por cerca de 12 narrativas, mas extrapolando igualmente as nossas conclusões em relação aos restantes livros de viagem a Espanha, podemos afirmar que as teses iberistas palpitam com frequência nas páginas dos escritores-viajantes da segunda metade de Oitocentos. De facto, mesmo que esse propósito não seja manifesta e claramente divulgado, encontramos sempre, aqui e ali, pequenas reflexões sobre a união dos povos peninsulares, ou sobre os seus agentes mais ativos.

³ MATOS, 2001: 2.

⁴ Conceição Meireles compulsou exaustivamente os periódicos portugueses e espanhóis, fazendo um levantamento sistemático e moroso que deu origem numa investigação com minúcia da “Questão ibérica”, mas usou também outras fontes como o teatro, a poesia, o humor e a iconografia. (MEIRELES, 1995).

O relato da viagem a Barcelona de C. J. Caldeira, publicado na *Revista Peninsular* era disso eco. Nesta revista, não só se pretendia fazer a divulgação mútua da cultura e Literatura de ambos países, como se defendia claramente um programa iberista, perseguindo uma união político-económica. Basta lembrar que C. J. Caldeira conheceu e privou com Sinibaldo Más aquando da sua estada na China e que foi responsável pela 3ª edição de *A Ibéria*⁵. A sua viagem a Barcelona é sobretudo dominada por preocupações economicistas, e pela concertação económica peninsular, defendendo uma união aduaneira que permitisse a livre circulação de mercadorias entre os dois países e o livre-câmbio.

A viagem a Madrid de Teixeira de Vasconcelos, como Conceição Meireles explicou, assume-se, na Introdução, como sendo “*adversa ao iberismo*” e o autor aproveita para transcrever alguns artigos seus, esclarecendo as opiniões que manifestara na imprensa periódica sobre o assunto e que lhe teriam valido insinuações de iberista:

“Os portuguezes amam os hespanhoes, estimam-nos como primogénitos da sua raça; respeitam-lhes as qualidades elevadas, e as virtudes nobilíssimas, e admiram com entusiasmo as façanhas guerreiras d’aquelle povo, mas primeiro que tudo desejam conservar a sua independencia. Muito quer a seus pais o filho que se casou, mas trata logo de ter economia separada.” (VASCONCELOS, 1863: 11).

Em Valladolid, dissertando sobre a história da cidade, lembra que ela se prende com as “primeiras tentativas da unidade da península hespanhola, pensamento vigoroso a que só a nacionalidade portugueza soube resistir.”⁶ E, já mais para o fim da obra, espantado com a forma como “os hespanhoes andam enamorados” pela ideia ibérica, não deixa de trazer à liça um dos argumentos usados pelos detratores do iberismo. De facto, a colação do Portugal seu contemporâneo com o Portugal filipino, revela-se num argumentário alicerçado na memória dos anos de subjugação de Portugal ao reino espanhol e, simultaneamente, naquilo a que Conceição Meireles chama de “anatematização da civilização espanhola, sobretudo da sua violência, entendida como filosofia subjacente à política, mas radicada também nas dobras do tecido psicológico e social de todo o povo.”⁷ Lembra, satiricamente, Teixeira de Vasconcelos: “(...) o governo central de Madrid deu ordens a Lisboa durante sessenta anos, e a lembrança desses bons tempos ainda se conservou na tradição popular. Tanto bem nos queriam os nossos irmãos castelhanos, que iam dando cabo de nós à força de nos apertarem nos braços. Era amor de macaca!”⁸

Na década de 70, a propaganda do nacionalismo ibérico encontrava-se em pleno recrudescimento. A inauguração da ligação ferroviária entre Lisboa e Madrid, em setembro de 1863, daria azo a uma intensa campanha publicista levada a cabo pelas companhias de caminhos-de-ferro⁹. Por outro lado, a simples curiosidade ou o “gosto da

⁵ Sobre a génese da obra *A Ibéria* de Sinibaldo Más, recorda Conceição Meireles: “Originalmente, a ideia surgiu-lhe em Macau por volta de 1850, onde privou com o bispo D. Jerónimo José da Mata e seu primo Carlos José Caldeira, além de outros eclesiásticos espanhóis, tendo esse grupo desenvolvido conversações e reuniões várias sobre a conveniência da união monárquica peninsular, das quais resultou o alvitre de fundar uma associação de propaganda ibérica na Península e de publicar um folheto que a desse a conhecer ao público ilustrado.” (MEIRELES, 1995: 126).

⁶ VASCONCELOS, 1863: 71.

⁷ MEIRELES, 1995: 777.

⁸ VASCONCELOS, 1863: 203.

⁹ Conceição Meireles refere a propósito destas viagens que “a imprensa portuguesa, desde a *Revolução de Setembro* ao *Diário de Notícias*, publicou as notícias das visitas, tendo-se particularmente destacado O Partido Constituinte, que além dos artigos de fundo em que apresentava portugueses e espanhóis não como

viagem” levava a Madrid vários intelectuais portugueses. Nestes múltiplos contactos, que se diversificaram ao longo de cerca de duas décadas, e de que os periódicos da altura dão notícia, estes mas também outros nomes surgirão como defensores convictos do iberismo e potenciadores dos contactos peninsulares.

Se esses encontros eram “farpeados” por Ramalho Ortigão e Eça de Queirós e alvo das mais diversas opiniões na imprensa periódica, também davam lugar à edição de vários relatos de viagem, como aconteceria, apenas para citar alguns exemplos, com os livros de viagem de J. M. Pereira Rodrigues, Costa Godolphim, Albano Coutinho Júnior ou Teófilo Ferreira.¹⁰

Para o nosso *corpus*, a década de 70 contempla dois relatos de viagem, o de Pinheiro Chagas e o de Luciano Cordeiro. O primeiro viajante, numa visita ao Congresso de Madrid onde contacta com “alguns dos homens mais eminentes da politica hespanhola” (CHAGAS, 1872: 165), também se irá confrontar com a inevitabilidade de abordar as teses iberistas. O assunto é, como se poderá concluir pelas palavras do autor, tratado com a maior das delicadezas, para não ferir a “susceptibilidade patriótica” dos portugueses. O parlamentar português não deixa porém de sentir que:

“(…) a ideia ibérica domina todos os espíritos em Hespanha com persistência notável. Não tem o caracter daquela gallophagia, que dominou por tanto tempo os allemães, e que ainda hoje os domina, apesar de saciada em parte. Estemdem-nos os braços com affecto fraternal, que eu julgo sincero. Reprovam convictamente os pensamentos de conquista, preferem a propaganda.” (CHAGAS, 1872: 165).

A verdade é que, também Pinheiro Chagas entende que este afeto fraternal com que nos querem seduzir, recusando qualquer tipo de conquista pelas armas, tem um tempo contado, o que a paciência e a irascibilidade dos espanhóis poder aguentar:

“(…) quando a nossa casmurrice ultrapassar as raias, eles hão de perder as estribeiras, e temos comnosco a explosão. Por ora vae tudo bem; os nossos vizinhos armaram-se de paciencia para comnosco; estão dispostos a empregar os meios brandos, e estão persuadidos de que hão de lograr convencer-nos, com mais ou menos trabalho, de que a nossa nacionalidade é um absurdo, contrario a todas as conveniências ethographicas, geográficas e politicas.” (CHAGAS, 1872: 166).

A sua análise contempla inclusive uma introspeção de teor comparatista entre as duas opiniões sobre a união ibérica. Para os espanhóis, “Portugal é ainda o Portugal do seculo XV, uma espécie de Aragão, cioso até ao exagero dos seus foros”; os portugueses,

inimigos mas como irmãos que no passado sofreram idênticos infortúnios e despotismos, tendo-se finalmente reconciliado, ambos independentes e liberais, seguiu com minúcia a visita a Madrid. Para isso muito contribuíram as correspondências enviadas pelo seu colaborador A. Oliveira Pires, que relatavam detalhadamente os trâmites da visita. A última prestação de Oliveira Pires, datada de 21 e já escrita de Lisboa, narra os acontecimentos de Sábado 20: a receção sugerida pelo monarca a uma delegação constituída pelo próprio Oliveira Pires, Alves Mateus, José Ribeiro, Lopo Vaz, Rangel de Lima e Pereira Rodrigues; a festa de despedida na estação ferroviária com a banda marcial a tocar os hinos nacionais e a presença de autoridades, homens de letras e muitos populares; as receções oficiais e calorosas em Ciudad Real e Badajoz” (MEIRELES, 1995: 422-423).

¹⁰ Para além do livro de J. M. Pereira Rodrigues, três outros livros resultaram destas viagens de recreio a Madrid. Trata-se das obras: *Cinco dias em Madrid. Lembrança duma viagem a Madrid e Visita a Madrid*, de Albano Coutinho Junior, Teófilo Ferreira, e Costa Godolphim, respetivamente. Refira-se que o relato de Albano Coutinho Júnior também fez a sua estreia na imprensa periódica, mais exatamente no folhetim da *Gazeta do Povo*, Lisboa, n.º 468, 13 de Junho de 1871.

por seu turno, embirram “em considerar os hespanhoes tão estrangeiros como os francezes e italianos; teimamos em que o Caya é uma fronteira tão respeitável como o Bidassoa.” (CHAGAS, 1872: 167).

Por isso, receia que as divergências irredutíveis entre as duas nações ibéricas redundem, mais cedo ou mais tarde, em violência. Pinheiro Chagas acredita na autodeterminação dos povos, critica as novas teorias federalistas e progressistas e manifesta o desejo de ver a Europa prestar “uma homenagem solemne ao respeito pela vontade dos povos, cuja violação constitue o direito de conquista, embora o acobertem as condescendentes theorias da sciencia moderna.” (CHAGAS, 1872: 165).

Acaba as suas digressões sobre o iberismo, caricaturando o grande ministro da propaganda ibérica em Portugal, Angel Fernandez de los Rios:

“ (...) o que eu julgo comico é que se imagine que a Hespanha nos queira conquistar individualmente, e que o sr. D. Angem Fernandez de los Rios viesse encarregado de pescar os portuguezes a um e um. Não suponho que o distincto diplomata hespanhol esteja debruçado sobre Lisboa, de cana, linha e anzol, esperando com paciencia, e de quando em quando, ao sentir uma estremeação, puxe vivamente a linha, e atire triumphalmente para as terras de Hespanha com uma enguia jornalística, ou uma truta da Literatura.” (CHAGAS, 1872: 167).

Conceição Meireles caracteriza a história da Questão Ibérica como “(...) a história de uma propaganda, de uma caudalosa guerrilha de ideias e palavras, de rumores e de temores, que levou alguns contemporâneos, como Camilo Castelo Branco, a caracterizar o iberismo como um fantasma.”¹¹ Depois de ateadada a reação incendiária com a publicação de *A Ibéria*, a problemática teria ressurgido em 1876-1877, segundo a autora,

“ (...) por efeito das reacções ao livro de Fernandez de los Rios, *Mi Missione en Portugal*, que se seguiu à sua expulsão de Portugal. Antes da publicação da obra, contudo, já um folheto combatia a carta dirigida a vários jornais portugueses por aquele diplomata espanhol que, contra a opinião generalizada da imprensa portuguesa, quis dizer que a sua actividade desempenhada em Lisboa estivera sempre alheia à propaganda ibérica”. (MEIRELES: 1995: 268).

Benigno Martínez e Angel Fernandez de los Rios, este último embaixador de Espanha em Portugal, enviado pelo general Prim para convencer D. Fernando II a ocupar o cargo de rei de Espanha, são dois dos mais ilustres propagandistas do Iberismo em Portugal. Ao primeiro, Sebastião de Magalhães Lima, autor de *La Fédération Ibérique*, dedicará inclusive o seu relato de viagens, *Costumes Madrilenos*¹².

Ora, a outra obra do nosso corpus, datada da década de 70, que Conceição Meireles caracteriza como sendo uma coleção de *faits divers*, sem interesse do ponto de vista da Questão Ibérica, as *Viagens: Hespanha e França* de Luciano Cordeiro, não deixou de abordar a problemática e falar das funções desempenhadas por Fernandez de los Rios, Benigno Martínez e Romero Ortiz e dessa rede diplomática que se adensava na época candente. Eis as palavras de Luciano Cordeiro à sua chegada a Madrid:

“Eu não avisara da minha chegada os meus amigos; não escrevera uma só linha aquelle bom Benigno Martinez, duplamente bom no nome e nos

¹¹ MEIRELES, 1995: 3.

¹² LIMA, 1877.

obséquios que se esmera em prestar a todos os portugueses que vão a Madrid e até aos que não lá vão; não prevenira Ventura Aguilera, que é um grande poeta e uma grande alma; estava em grande dívida epistolar com Turbino que é um dos primeiros críticos de Hespanha, como Aguilera é um dos primeiros poetas; - não me parecia que Fernandez de los Rios, que é também um primeiro como aquelles, com a diferença que o é na diplomacia, tivesse organizado em Madrid uma policia de obséquios para continuar la a dispensa-los como os dispensava em Lisboa a toda a gente em quem supunha algum talento e até àquella em que não o podia suppôr, - e porque Romero Ortiz antes de ser ministro me escrevera como literato, não podia esperar encontra-lo ali para me receber de braços abertos quando os tem bem atados pelas preocupações e ocupações politicas.” (CORDEIRO, 1974:29).

Fica clara que a “obsequiosidade” com que eram recebidos todos os portugueses que se deslocavam a Madrid e “até os que não lá vão”, era uma das estratégias propagandísticas utilizadas pelos cicerones espanhóis com que Pinheiro Chagas também já tinha sido brindado, na viagem à Exposição de Belas Artes.

Um outro exemplo desta propaganda unionista patrocinada pelo caminho-de-ferro é a viagem realizada por Costa Godolphim, entre 13 e 20 de Maio de 1871, cujo relato *Viagem a Madrid*, seria estampado pelos prelos lisboetas da Typographia Universal. A viagem de Costa Godolphim é apoiada pelas Companhias Ferroviárias com o objetivo de estreitar os laços entre os dois países. Também este autor nos relataria as relações que mantém com várias personalidades espanholas, mormente Angel Fernández de los Rios, Calvo Asensio, García Velásquez e Benigno Martinez. Esta viagem foi aliás alvo de intensas críticas por parte da imprensa portuguesa e até Eça de Queirós não deixou de inventar o livro de Costa Godolphim, apelidando-o de arrivista, oportunista, pró-espanholista, ibérico e de “Miguel de Vasconcelos”¹³.

Várias outras viagens foram patrocinadas pela companhia de caminhos-de-ferro. Destacamos, d’entre elas, o relato de viagens de J.M. Pereira Rodrigues *Uma visita a Madrid*, publicada em Lisboa, em 1871 pela Typographia Universal. Resultado de uma viagem iniciada a 13 de Maio de 1871, Pereira Rodrigues conta-nos que com ele viajaram trezentos e treze companheiros, destacando as figuras de “Calvo Asensio, Franco Mattos, Oliveira Pires, Rangel de Lima, Theotonio Patricio Alves, José Tibério, Lopo Vaz e o par do reino Pessanha.” (RODRIGUES, 1871: 18).

Fundamental para compreender este fenómeno cultural que se transformaria, como defende Conceição Meireles, num “fantasma” que pairou no imaginário da sociedade portuguesa do terceiro quartel de Oitocentos, é o relato de viagens do diplomata Coelho de Carvalho, nas cartas que dirige ao seu amigo Cesário Verde. Na viagem entre Madrid e Barcelona, conhece José Utrillo, um catalão que visitara a capital espanhola e ali assistira “às festas dadas ali aos portugueses, mezes antes”. A abordagem da questão ibérica é, pois, inevitável e Coelho de Carvalho não consegue disfarçar a sua posição:

¹³ José Cipriano da Costa Godolphim nasceu em Lisboa a 3 de Novembro de 1842 e morreu em Dezembro de 1910. Era descendente do navegador português Pedro Álvares Cabral. A sua família ficaria na ruína na sequência dos sucessos políticos de 1834. Foi representante de Portugal em vários congressos e exposições internacionais, colaborou em várias revistas e periódicos, escreveu poesia, novela e história. Esta viagem destinada a estreitar laços ibéricos pode dividir-se em duas partes. A primeira narra a recepção calorosa de que foi alvo, conhecimentos e relações com iberistas espanhóis, mormente os que faziam parte da “tertúlia progressista”. A segunda incorpora descrições de Madrid do ponto de vista cultural, referindo os museus, as bibliotecas e do ponto de vista do quotidiano da vida madrilena, nos cafés, ruas e as mulheres. (GODOLPHIM, 1871)

“Existindo Portugal, como paiz politicamente independente, com uma nacionalidade histórica própria, grandiosa de tradição, e, parecendo ter ainda uma grande missão a desempenhar na civilização do mundo moderno, qual é a missão colonial, e, em todo caso (...) ligado intima e necessariamente ao desenvolvimento do Brazil, não é provável que nós, portuguezes, venhamos a ter uma influencia predominante e muito menos decisiva nos destinos da nação hespanhola.” (CARVALHO, 1888: 170).

E se, na presença de um catalão, Coelho de Carvalho se abstém de “falar de política em casa alheia”, não consegue disfarçar a sua hispanofobia ao dissertar sobre o caráter espanhol:

“É uma população de jogadores e de políticos, na accepção degradante que esta palavra vae tendo, mercê dos sofisma monarchico constitucional. Os homens intrigam, roubam, embebedam-se, fazem revoluções e dão facadas; as mulheres vestem-se e despem-se, comem doces, vão à missa, e confessam-se ao padre e também a toda a gente que conhecem. Eis o caracter dominante da capital da monarchia hespanhola, que synthetisa as qualidades da nação, sob hegemonia de Castella.” (CARVALHO, 1888: 37).

Em suma, e como ficara demonstrado pela ampla e profunda análise de Conceição Meireles, foram heterogêneas as reações provocadas pelo iberismo. Por um lado, “ (...) o discurso apologético da união económica aliava o desejo da aproximação cultural, científica e literária, para utilizar as palavras da época. Com efeito, este tema foi amplamente debatido e revelou vários níveis de adesão, já que essa aproximação, além de ser obviamente um esteio do pensamento iberista peninsular, manifestou-se também fora dele, isto é, foi condicionalmente reivindicada por sectores que rejeitavam a união política, mas alertavam para o interesse de uma estratégia de intercâmbio e a necessidade de incentivar a comunicação civilizacional”. Por outro, “constatou-se um não menos intenso movimento de desconfiança e mesmo rejeição a tudo quanto era espanhol, sendo perfeitamente notória uma anatematização da civilização espanhola, sobretudo da sua violência, entendida como filosofia subjacente à política, mas radicada também nas dobras do tecido psicológico e social de todo o povo.”¹⁴

3. Conclusão

A narrativa de viagens ao país vizinho da segunda metade de Oitocentos é, quanto a nós, paradigmática da questão das viagens, enquanto prática cultural, mas igualmente enquanto espaço propiciador de um contacto com o *Outro*, que se cristaliza na criação de auto e hetero-imagens e na consolidação da identidade nacional, pela atitude comparativa que se estabelece em contacto com o *Estrangeiro*¹⁵. A Literatura de viagens é crucial para este efeito, uma vez que, tal como sublinharam Elsner e Rubiès, “(...) the literature of travel not only exemplifies the multiple facets of modern identity, but it is also one of the principal cultural mechanisms, even a key cause, for the development of a modern identity, since the Renaissance” (ELSNER e RUBIÈS, 1999:4). Já outros autores afirmaram que, em Portugal, é sobretudo em relação à França e à Inglaterra que se forja o duplo semantismo do elemento estrangeiro (BOURDON, 1988:124), imagens de alteridade em relação às quais se tomam atitudes básicas de rejeição ou de

¹⁴ MEIRELES, 1995: vol.II, 179.

¹⁵ Ver OUTEIRINHO, 2000.

deslumbramento¹⁶. Mas se isso é verdade sobretudo em Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, o papel desempenhado pela Espanha, neste processo, não dever ser menosprezado, sobretudo se tivermos em conta o contexto histórico-político das relações quer com a França e a Inglaterra (o *Ultimatum*, de 1890), quer com a Espanha e a Questão Ibérica.

A Questão Ibérica corporiza essencialmente um fenómeno cultural que marcou as sociedades portuguesa e espanhola de Oitocentos e os viajantes portugueses que se deslocaram ao país vizinho não deixaram de fazer ecoar nas suas páginas a sua ideologia. Se a Literatura de viagens se constrói do confronto com a alteridade, que é *a posteriori* integrada na identidade, a Questão Ibérica é, provavelmente, o momento mais importante deste confronto com o outro. As auto e hetero-imagens formadas especularmente no confronto com o Outro são, no caso específico das reflexões sobre a Questão ibérica, espaço para a corporização de uma identidade nacional, onde os semantismos antagónicos, de rejeição ou de deslumbramento desempenham um papel fundamental, sedimentando a questão identitária.

Bibliografia:

ANDRADE, Anselmo de (1887), *Viagem na Hespanha*, Lisboa, Manuel Gomes, nova edição 1903, Lisboa, Manuel Gomes.

ÁVILA, Carlos Lobo de (1878), *Carteira de um viajante. Apontamentos a lapis*, Lisboa, Typographia Universal.

AZEVEDO, Mariano Guedes (1879) *Apontamentos de viagem e itinerários por Hespanha, França, Italia ou Guia seguro de Italia para examinar seus monumentos*, Lisboa, Officina Typographica da Empreza Literaria de Lisboa.

CALDEIRA, Carlos José (1855), “Barcelona. Fragmentos inéditos de uma viagem na Península”, in *Revista Penynsular*, Lisboa,

CARVALHO, Coelho de, (1988) *Viagens. Madrid, Barcelona, Nice, Mónaco. Cartas e notas destinadas a Cesário Verde*, Lisboa, Livraria de António Maria Pereira.

CARVALHO, José Adriano de Freitas (2013) “*O meu Reino por um Sereno...*”. *Viajantes portugueses por Espanha (1847-1952)*, Porto, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade.

CHAGAS, Pinheiro Manuel (1872), *Madrid*, Lisboa, Editores C.S. Afra e Cia.

CORDEIRO, Luciano (1874) *Viagens: Hespanha e França*, Lisboa, Imprensa de J.G. de Sousa Neves.

_____ (1875) *Viagens: França, Baviera, Áustria e Itália*, Lisboa, Imprensa de J.G. de Sousa Neves.

COUTINHO JUNIOR, Albano (1871) *Cinco dias em Madrid*, Lisboa, Typographia de J.G se Sousa Neves.

ELSNER, JÁS e RUBIÈS, Joan-Pau (1999) *Voyages and Visions: Towards a cultural history of travel*, Londres, Reaktion Books.

¹⁶ Eça de Queirós compara a influência que estas duas nações têm em Portugal da seguinte maneira: “(…) Da Inglaterra podemos dizer que – ao contrário da generosa França – as suas virtudes só a ela aproveitam e os seus vícios contaminam o mundo.” (QUEIRÓS, s.d.:58).

- FERREIRA, Manuel Constantino Theophilo (1870) *Recordações de uma viagem a Madrid*, Lisboa.
- GODOLPHIM, José Cipriano da Costa (1871) *Uma visita a Madrid*, Lisboa, Typographia Universal.
- GUIMARÃES, Ricardo (Visconde de Benalcafor) (1869), *Impressões de viagem. Cadiz, Gibraltar, Paris e Londres*, Porto, Viúva Moré Editora.
- _____ (1876) *De Lisboa ao Cairo, Scenas de viagem*, Porto, Livraria Internacional.
- JUNQUEIRO, Henrique Carlos (1871), *Uma viagem de recreio a Madrid por ocasião da festa de Santo Isidro*, Setúbal, Typographia setubalense.
- LIMA, Jayme de Magalhães (1889), *Cidades e Paisagens*, Porto, Typographia de António José da Silva Teixeira.
- LIMA, Sebastião de Magalhães (1877), *Costumes madrilenos. Notas de um viajante*, Coimbra, Livraria Central de José Diogo Pires.
- MACHADO, Júlio César (1865), *Em Hespanha. Scenas de Viagem*, Lisboa, Livraria de A.M. Pereira.
- MARTINS, Oliveira (1895), *Cartas Peninsulares*, Lisboa, Livraria de A.M. Pereira;
- MEIRELES, Maria da Conceição (1995), *A Questão Ibérica. Imprensa e Opinião (1850-1870)*, Dissertação de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2 vols.
- _____ (2002) “Sinibaldo de Más. A difusão da Ibéria em Portugal e do Iberismo no Oriente”, in *População e Sociedade*, Porto, CEPESE-Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, n.º 8, pp. 213-230.
- MOTA, J.F. Silveira da (1889), *Viagens na Galliza*, Lisboa, A. M. Pereira
- MOURA, A. Eduardo de (1893), *Viagens na Andaluzia: indicações úteis*, Coimbra, Imprensa da Universidade
- ORTIGÃO; José Duarte de Ramalho (1949), *Pela Terra Alheia*, 2 vols. Lisboa, Livraria Clássica Editora. (1ª* edição 1878).
- OUTEIRINHO, Maria de Fátima (1997), *À distância de mais de meio século: Paris em Ramalho Ortigão e Abel Salazar*, sep. *Intercâmbio*, nº8, Porto.
- _____ (2000), “Representação do Outro e Identidade: Um Estudo de Imagens na Narrativa de Viagem. II – Um estudo de caso: a narrativa de viagem oitocentista”, in *Cadernos de Literatura Comparada – Para uma crítica do discurso crítico. Narrativa Literária e Identidade*, Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Porto, Granito Editores e Livreiros.
- _____ (2002), *A Viagem a Espanha. Em torno de alguns relatos de viagem oitocentistas*, sep. da *Revista da Faculdade de Letras do Porto. Línguas e Literaturas*.

_____(2003a), *O Folhetim em Portugal no Século XIX: uma nova janela no mundo das letras*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, especialmente “A crónica de viagem”, pp.166-209.

_____(2003b), “Representações do Outro na narrativa de viagem oitocentista”, *Cadernos de Literatura Comparada 8/9: Literatura e identidades*, Orgs. Ana Luísa Amaral, Gonçalo Vilas-Boas, Marinela Freitas, Rosa Maria Martelo, Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, 2003, pp. 67-76.

QUEIRÓS, Eça de (sd) *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres*, Lisboa, Livros do Brasil.

RODRIGUES, José Maria Pereira (1671), *Uma visita a Madrid*, Lisboa, Typographia Universal.

TORREZÃO, Guiomar (1898) *A toda a velocidade. Notas de gare*, Porto, Livraria Portuense.

VASCONCELOS, António Teixeira de (1863), *Viagens na terra alheia. De Paris a Madrid*, Lisboa, F. Gonçalves Lopes.